

**PAISAGENS HÍBRIDAS: HISTÓRIA AMBIENTAL E  
HISTÓRIA DA TECNOLOGIA EM UMA  
PERSPECTIVA ANALÍTICA**  
**HYBRID LANDSCAPES: ENVIRONMENTAL  
HISTORY AND HISTORY OF TECHNOLOGY IN  
ANALYTICAL PERSPECTIVE**

YURI SIMONINI\*

**Resumo:** O presente artigo busca traçar breve panorama conceitual acerca da convergência de estudos da História da Tecnologia e História Ambiental a partir da ideia de paisagem híbrida. O estudo se apoia em diversos autores pertencentes aos campos disciplinares supracitados e, sobretudo, em Sara B. Pritchard em seu livro *Confluence* (2011). A abordagem do *Envirotech* permite aos pesquisadores melhor compreensão acerca da relação entre Natureza e Cultura na organização do espaço físico ao longo do tempo. Essa relação constrói paisagens amalgamadas, parte naturais, parte artificiais a partir da efetivação concreta de intervenção e, sobretudo, dos esforços políticos, sociais, econômicos e técnicos que justificam e encampam estas ações no meio físico-geográfico.

**Palavras-chave:** Envirotech; Caminhos metodológicos; meio urbano e ambiental.

**Abstract:** This article aims to delineate a brief conceptual overview about the convergence of studies on History of Technology and Environmental History about the idea of hybrid landscape. Bibliography references of above-mentioned fields of knowledge were used in this study, specially, Sara B. Pritchard's book, *Confluence* (2011). Envirotech's approach allows researchers to better understand the relationship between Nature and Culture in the physical space reshaping over time. This relationship creates amalgamated landscapes, part natural, part artificial from effective human intervention and, above all, from the political, social, economic and technical efforts that justify and encompass these actions in the physical-geographical environment.

**Keywords:** Envirotech; methodologic approaches, urban and environmental.

---

\* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Centro Universitário do Rio Grande do Norte e membro do Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo, DARQ/UFRN e do Centro de Estudos dos Animais, UFMG. (E-mail: simonini@unirn.edu.br).

Desde sua origem e consolidação como campo de conhecimento ao longo da segunda metade do século XX, a História Ambiental permitiu novas análises sobre o papel dos seres humanos em relação ao meio físico-geográfico em uma perspectiva histórica. Essas análises abrangem objetos, temas, pesquisas e novas propostas metodológicas cuja resultante é a profícua produção monográfica e bibliográfica nacional e internacional sobre o tema. O desenvolvimento da História Ambiental nesta trajetória originou outras perspectivas analíticas que ampliam os debates iniciados por Donald Worster.<sup>2</sup>

Dentre essas perspectivas, a relação entre a natureza e a cidade também foi abordada. A alteração da clássica definição de Worster por Christine Meisner Rosen e Joel Arthur Tarr<sup>3</sup> — “o estudo do papel e do lugar da natureza na história da vida urbana” — congrega, inicialmente, quatro vieses de estudo: a) a análise do efeito das cidades no meio ambiente; b) a análise do impacto do meio ambiente na cidade; c) o estudo da responsabilidade social desses impactos e efeitos para mitigar os problemas ambientais; e d) o exame do meio construído e sua gestão e lugar na vida do homem, dentro de um contexto físico.<sup>4</sup> Contudo, no que se refere aos dois primeiros eixos, não basta apenas compreender os efeitos da relação cidade-meio ambiente, mas analisar as formas e, em especial, os resultados desta interação.

Urbano Fra Paleo insere a tecnologia como importante variável nesta relação antrópica/natural, o que permite a análise de como se processa tais interações e suas resultantes. Segundo Paleo, ao se conceituar a História Ambiental, têm-se o estudo das “interações entre culturas humanas e a natureza por meio do tempo e do espaço, examinando como o meio ambiente influenciou o processo histórico, e inversamente, como as pessoas reorganizaram e transformaram o seu meio usando tecnologia”.<sup>5</sup> A relação humanidade e natureza se dá a partir

---

<sup>2</sup> WORSTER, Donald. Transformations of the Earth: toward an Agroecological Perspective in History. **The Journal of American History**, v.76, n.4, p.1087-1106, mar. 1990. A existência de grande quantidade de artigos sobre a historiografia ambiental e suas vertentes deixa claro suas origens e desdobramentos e quaisquer tentativa de compilação resultaria em lacunas, omissões além de não ser o escopo destas notas. Contudo, a título de exemplo, sugiro SOLURI, John, LEAL, Cláudia; PÁDUA, José Augusto (Ed.). **A living past: Environmental histories of Modern Latin America**. New York: Berghahn, 2019; SUTTER, Paul S. The World with Us: The State of American Environmental History. **Journal of American History**, v.100, n.1, p. 94–119, jun. 2013; SÖRKLIN, Sverker; WARDE, Paul. The problem of the problem of environmental history: a re-reading of the field. **Environmental History**, v.12, n.1, p.1-18, 2007.

<sup>3</sup> ROSEN, Christine Meisner; TARR, Joel Arthur. The Importance of an Urban Perspective in Environmental History. **Journal of Urban History**. v. 20, n.3, p. 299-310, may 1994, p. 301.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> “the study of the interactions between human cultures ante nature through time and space, examining how the natural environment had influenced the historical process, and conversely, how people have reorganized and transformed their environment using technology”. PALEO, Urbano Fra. Environmental History. In: PHILANDER, S. G. (Ed.). **Encyclopedia of Global Warming and Climate Change**. Thousand Oaks: SAGE, 2008, p.377, tradução nossa.

das modificações antrópicas em um dado meio ambiente em constante transformação, cuja capacidade e intensidade são afetadas pelo uso de conhecimentos técnicos e introdução de instrumentos, aparelhos e constructos, gerando diversos pontos de tensão.

As motivações, os agentes, os contextos geradores de tais intervenções, as formas de intervenção e as consequências ambientais são, em larga medida, bem discutidas por parte dos historiadores, porém se faz necessário ampliar ainda mais as pesquisas. Ao focar nas transformações espaciais em locais específicos, sejam nas áreas urbanas ou rurais, os pesquisadores poderão, e.g., analisar os impactos físico-geográficos de um rio retificado ou de uma estrutura portuária ao longo da costa, desde sua implantação até os dias atuais.

O objetivo destas Notas consiste em apresentar, mesmo que de forma breve, um panorama de caminho teórico-metodológico que permita ao historiador ambiental analisar as resultantes concretas do meio construído pelo Homem. Nessa perspectiva, entende-se a existência de paisagens híbridas, parte não-humanas, parte construídas a partir da abordagem conceitual do *Envirotech*. Para discutir em campo do conhecimento, o presente texto apoia-se nas discussões em torno da História Ambiental, Ambiental Urbana, da Tecnologia e dos Estudos Sociais e Técnicos (STS em inglês), a partir de autores como Martin Melosi, Ashley Carse, Edmund Russel, Joel Tarr, Thomas Hughes, Fra Urbano Paleo e, principalmente, Sara Pritchard, em sua construção conceitual acerca do *Envirotechnical System*.<sup>6</sup> Inicialmente, discutirei a inserção dos estudos sobre tecnologia e meio ambiente como possível chave de interpretação das transformações urbanas e adjacências para, em seguida, tratar do *Envirotech* nos estudos sobre paisagens híbridas.

### **Cidade, tecnologia e natureza em perspectiva histórica**

A cidade possui ampla gama de complexidades analíticas, impedindo sua completa apreensão sem um aparato teórico-metodológico interdisciplinar. Os significados e a análises dessa obra da engenhosidade humana demandam aportes e olhares variados que possibilitem uma compreensão mais precisa, principalmente quando se refere às relações entre os agentes sociais — o ser humano — com o meio físico ao seu redor — a natureza.

---

<sup>6</sup> Ao longo das notas, serão inseridas as bibliografias apontadas e demais pertinentes. Convém ainda apontar a existência de termos específicos como *envirotechnical landscape, system e regime* os quais serão mantidos em inglês em decorrência da falta de tradução apropriada para o português sem alteração do sentido.

Não é possível conceber a existência da cidade sem a natureza e vice-versa. Há uma dependência intrínseca entre a história humana e o contexto ecológico, geográfico e cultural. Os constantes problemas ambientais que a cidade enfrenta — e que, atualmente, se agravam em uma proporção preocupante — podem ser vistos como resultado de um longo processo de tensões entre os meios urbano e natural. Esses “embates” se dão especialmente a partir do emprego sistematizado de conhecimentos e artifícios mecânicos pelo homem — técnicas e tecnologias — no intuito de sobrepor a natureza.

A discussão de tais complexidades em uma perspectiva histórica é um dos objetos da História Ambiental Urbana, ao evitar a dissociação entre cidade e meio físico-geográfico vista nas primeiras abordagens da História Ambiental. A divisão tende a repetir os princípios que exaltam o homem como ser especial e à parte da natureza. Na realidade, além do uso do espaço físico, toda a infraestrutura implantada envolve emprego de recursos naturais (água, solo, minérios, entre outros). Martin Melosi afirma existir uma rede técnica urbana, cuja teoria tecno-ambiental permitiria compreender as “*development and environmental implications of technical systems as forces for urban growth*”.<sup>7</sup> Essa análise, continua Melosi, permite abordar não apenas a evolução física das cidades, mas seu impacto tecnológico no meio ambiente diante de um crescimento urbano em uma perspectiva histórica.

A mediação tecnológica é um ponto importante como chave de interpretação desse processo. Na construção de um artefato, ou seja, um produto antrópico, a tecnologia se reveste como um produto social, porém igualmente entrelaçado com a natureza, como bem observa Theodore Schatzki:

technology is a way humans manage the social site, a way they tend to practices and arrangements, including the artifacts and natural things, that compose it. As indicated, Technology accomplishes this task largely by appropriating or reworking nature, drawing it into human practices and arrangements and subsequently its incorporations there.<sup>8</sup>

A natureza pode ser entendida a partir de um significado socialmente construído, no qual o meio e os humanos interagem, uma vez que parte das ações humanas implicam em

---

<sup>7</sup> “Implicações desenvolvimentistas e ambientais dos sistemas técnicos como forças de crescimento urbano” MELOSI, Martin. Cities, technical system and the environment. **Environmental Review**, v.14, n.1/2, p. 45-64, 1990, p. 51, tradução nossa.

<sup>8</sup> “a tecnologia é um caminho que os humanos gerenciam o espaço social, de forma que cuida das práticas e arranjos, incluindo os artefatos e as coisas naturais que o compõem. Como indicado, a tecnologia realiza essa tarefa em grande parte apropriando-se ou retrabalhando a natureza, atraindo-a para as práticas e arranjos humanos e, posteriormente, transformando suas incorporações nelas” SCHATZKI, Theodore. Nature and technology in History. **History and Theory**, n.42, p.82-93, dez. 2003, p. 89, tradução nossa.

transformações no meio físico-geográfico via tecnologia.<sup>9</sup> Compreendido como constructo cultural, portanto passível de ser analisado do ponto de vista histórico.

Haveria uma fronteira delimitadora entre a natureza e a cultura? Onde terminaria um e se iniciaria o outro? Para Hugh German e Betsy Mendelsohn<sup>10</sup>, essa delimitação acarretou a própria separação dos pesquisadores em nichos específicos em meados dos anos 1980. Embora pesquisadores que abordam o tema da tecnologia e do meio ambiente — a exemplo de Ashley Carse, Jacques Ellul, Michael Rawson, Theodore R. Schatzki, entre outros<sup>11</sup> — concordem com o uso da tecnologia para moldar o meio físico-geográfico, percebe-se, por um lado, uma preocupação com o objeto tecnológico em si — sem se ater às esferas humanas e ambientais — e, do outro, a visão da tecnologia unicamente como fator predatório do meio ambiente. Para German e Mendelsohn, se faz necessário compreender as mudanças das interações entre a natureza e a cultura por meio do uso de tecnologias.

Aproximações, interações, alterações. O contato entre a natureza e a cultura tem, em sentido último, a ação deliberada do ser humano em tornar o meio uma infraestrutura para atender às suas necessidades. Na perspectiva da STS, não há apenas uma racionalidade, mas uma intenção antrópica, portanto política, que se insere em conjunto com a própria obra em si. Em outras palavras, “*as nature becomes infrastructure through work, humans politics and values are inscribed on the landscape, much as they are embedded in arrangements of steel and concrete*”.<sup>12</sup>

A inserção tecnológica no meio natural é mais visível, porém não exclusiva, nas cidades. A própria dinâmica urbana e urbanística impõe sucessivas transformações espaciais e de uso dos recursos naturais, adjacentes ou não. Na medida em que se expande, as paisagens vão sendo

<sup>9</sup> GARDNER, Robert. Constructing a technological forestry: nature, culture and tree-planting in the Nebraska sand hills. **Environmental History**, n.14, p.275-297, apr. 2009.

<sup>10</sup> GERMAN, Hugh S.; MENDELSON, Betsy. Where does Nature end and Culture begin? Converging themes in the History of Technology. In REUSS, Martin; CUTCLIFFE, Stephen H. **The Illusory Boundary: Environment and Technology in History**. Virginia: University of Virginia, 2010, p. 265-290.

<sup>11</sup> Cf.: ELLUL, Jacques. **The technological society**. New York: Alfred A. Knopf, 1970; RAWSON, Michael. **Eden on the Charles: the making of Boston**. Cambridge: Harvard University, 2002; além dos já citados no texto. Conferir também REUSS, Martin; CUTCLIFFE, Stephen H. **The Illusory Boundary: Environment and Technology in History**. Virginia: University of Virginia, 2010 e RUSSEL, Edmund *et al.* The Nature of power. Synthesizing the History of Technology and Environmental History. **Technology and Culture**, v. 52, p. 246-259, apr. 2011.

<sup>12</sup> “à medida que a natureza se torna infraestrutura, por meio do trabalho, a política e os valores humanos se inscrevem na paisagem, assim como estão embutidos nos arranjos de aço e concreto” CARSE, Ashley. Nature as infrastructure: making and managing the Panama Canal Watershed. **Social Studies of Science**, n.42(4), p. 539-563, 2012, p. 540, tradução nossa.

alteradas, surgindo novas paisagens amalgamadas, híbridas; e os conceitos operacionais delineados por Sara B. Pritchard permitem compreender melhor esses processos.

### Paisagens confluentes

As concepções sobre paisagens abordadas por geógrafos — como Horacio Capel, Milton Santos, Silvia Melendes Dobles, Eulalia Ribera Carbó entre tantos outros —, consideram o espaço híbrido dentro de um sistema conjunto de natureza e cultura.<sup>13</sup> As aproximações do STS permitiram aos pesquisadores delinear o conceito de natureza-cultural. Pritchard afirma ser tal sistema uma relação antroponatural, cuja paisagem resultante molda e é moldada simultaneamente por diversos tipos de tecnologias, criando uma integração inicialmente disforme, mas paulatinamente tornando-se unitário.<sup>14</sup> Relação essa histórica, pois as representações, ideais e linhas de atuação/intervenção sofrem alterações ao longo do tempo.

Outro nível de análise envolve conceitos de *envirotechnical system* e *regime*, mediante a confluência dos campos disciplinares da História Ambiental e da Tecnologia. Pritchard cunha o termo *envirotechnical* para enfatizar a natureza da tecnologia, ou seja, sua origem e conteúdo advém de elementos da natureza. Isso significa, para a autora, um duplo movimento, uma vez que a “*nonhuman nature affords material constraints to technological development and use, ultimately partly constituting ‘Technology’ itself*”.<sup>15</sup>

Se a tecnologia possui características híbridas, com partes culturais e naturais, os produtos de sua atuação em um meio físico-geográfico resultam em paisagens igualmente híbridas. O espaço natural, disforme e impreciso, se transforma em uma paisagem, delimitada e precisa, mediante adição do elemento tecnológico. A ação humana se torna o fator catalizador desse processo: sem ele, não haveria paisagens híbridas. Ademais, as intervenções podem ocorrer a curto, médio ou longo prazo, sofrendo alterações, desvios, não raro com presença de agentes humanos e não humanos, criando um conjunto complexo e sistêmico.

---

<sup>13</sup> Cf.: CAPEL, Horacio. **La Morfología de las ciudades**: Sociedad, cultura y paisaje urbano. v.1. Barcelona: Serbal, 2002. Colección La Estrella Polar; MELÉNDEZ DOBLES, Silvia. La historia ambiental: aportes interdisciplinarios y balance crítico desde América Latina. **Cuadernos Digitales**, v.7, n. 19, nov. 2002; RIBERA CARBÓ, Eulalia. **La geografía como disciplina científica**. Por un recuento con la historia. *Historias*, Ciudad de México, n.61, p.53-66, mayo-ago., 2005; SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4.ed. 7. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012.

<sup>14</sup> PRITCHARD, Sara B. **Confluence**: the nature of technology and the remaking of Rhône. London: Harvard University, 2011.

<sup>15</sup> “natureza não humana oferece restrições materiais ao desenvolvimento e seu uso tecnológico e, em última análise, constituindo em parte a própria ‘tecnologia’”, *Ibidem*, p.11, tradução nossa.

O porto é um *envirotechnical system* exemplificador. Da linha costeira, um determinado espaço sofre a ação do homem na construção de um ancoradouro. Dos simples trapiches de madeira às obras de construção de molhes de pedra, guias-corrente de concreto, retificação das margens, dragagem do fundo e retirada de arrecifes e/ou aglomerações rochosas, o impacto e as consequências se tornam visíveis. A reorganização das linhas de maré e das correntes marítimas, o assoreamento, a adição de edificações de portes variados, destruição da flora local — com implicações na fauna — não são apenas reflexo dessas ações, mas a própria conformação da paisagem híbrida.

Para analisar tais conformações, há dois níveis de estudos possíveis de serem realizados pelos pesquisadores: a abordagem das interações discursivas e materiais, em uma perspectiva histórica, dos sistemas ecológicos e tecnológicos; e as análises integradas dentro de um único caso, uma “*an indivisible web*”, com inserção do meio físico-geográfico, “*in which all human activities are interconnected*”.<sup>16</sup> Em ambos, emerge alguns importantes *insights*: a) permite exposição da “natureza”, quase sempre mascarada, da tecnologia; b) compreende-se melhor os objetos e sistemas tecnológicos como artefatos das relações antro-po-naturais; e c) visualiza-se tais artefatos como os mediadores destas interações.

Pritchard constrói duas ferramentas conceituais a fim de evitar armadilhas conceituais anacrônicas sobre tecnologia e natureza: *Envirotechnical Systems* e *Envirotechnical Regime*. O sistema é composto de artefatos, práticas, pessoas, instituições e biomas cujo conjunto constitui um ambiente no qual natureza e tecnologia são inextricavelmente incorporadas.<sup>17</sup> Não há um único sistema, mas vários que se sobrepõem. Não é possível compreendê-lo como um sistema fechado, mas em constante evolução, porém não necessariamente o mesmo ao longo do processo; por isso, histórico. A autora usa, nesse sentido, o sistema em seu plural, porém se trata de um sistema que comporta diversos outros sistemas. Se expresso matematicamente, o Sistema (S)  $\supset$  Sistema A, Sistema B, Sistema AB, Sistema Anti-AB etc.

Nessa perspectiva, há a ideia da tecnologia como algo natural, na recusa dos artefatos apartados do meio, uma vez que toda tecnologia foi/é construída com o emprego de materiais e energia oriundos da natureza. Isso permite, nas palavras de Pritchard, “*seeing Technology as natural therefore illuminates the dependency of technology and thus humanity, on the natural*

<sup>16</sup> “uma tela indivisível na qual todas as atividades humanas estão interconectadas” HOBBSAWM, Eric. In defense of History. **The Guardian**, 15 jan. 2005, tradução nossa.

<sup>17</sup> PRITCHARD, Sara B. **Confluence**: the nature of technology and the remaking of Rhône. London: Harvard University, 2011.

world, which the process of technological development, production and use the Artifact itself often obscure”.<sup>18</sup> Ademais, na mesma proporção que nós nos tornamos cada vez mais tecnodependentes, mais demandamos do meio ambiente e de seus recursos naturais. De fato, o homem sempre manteve essa dependência, mas os tempos hodiernos forjaram cadeias cada vez mais complexas, por vezes invisíveis e fora do nosso controle. Por sua vez, Pritchard igualmente compreende a natureza como tecnologia, afinal, pelo menos desde o Neolítico, “*Humans use biological organisms, environmental features, and ecological process in order to make or to do things*”.<sup>19</sup>

A manutenção do sistema implica necessariamente na existência de energia. Edmund Russel *et al* argumentam a intrínseca relação energética como urdidura entre natureza e tecnologia. Empregam o conceito de entropia para a análise desses sistemas, “*disorder, or the tendency of systems to lose energy and fall apart. The only way to stall or reverse entropy is to invest energy in a system*”.<sup>20</sup> Tanto o Homem quanto os demais seres vivos usam formas diferentes de energia para modificar o meio, mas somente o primeiro o faz de maneira consciente e organizada. A energia é produzida, canalizada, distribuída e seu fluxo requer igualmente um sistema para seu gerenciamento. Seguir essa corrente, incluso seus câmbios históricos, significa entender como o Homem criou estratégias e artefatos para extrair essa energia e usá-la aos seu favor.

A sistematização dos esforços humanos (seja na organização ou no gerenciamento) na construção das paisagens híbridas comporta o *Envirotechnical regime*, ou seja, as relações sociais e as estruturas de poder por detrás do seu desenvolvimento, produção e operação. Envolve, portanto pessoas, instituições, ideias que definem, constroem, justificam e mantêm o *Envirotechnical system*.<sup>21</sup> Em outras palavras, enquanto o sistema é descritor, o regime é sua formulação instrumental. Não é possível compreender o *Envirotechnical analysis* sem o regime.

---

<sup>18</sup> “ver a tecnologia como natural, portanto, ilumina a dependência da tecnologia e, portanto, da humanidade, do mundo natural, no qual o processo de desenvolvimento tecnológico, produção e uso do artefato muitas vezes obscurece. Seeing Technology as natural therefore illuminates the dependency of technology and thus humanity, on the natural world, which the process of technological development, production and use the Artifact itself often obscure”. *Idem*, p.22, tradução nossa.

<sup>19</sup> “o Homem usa organismos biológicos, características ambientais e processos ecológicos em ordem de fazer ou criar coisas”. PRITCHARD, Sara B. **Confluence**: the nature of technology and the remaking of Rhône. London: Harvard University, 2011, p. 22, tradução nossa.

<sup>20</sup> “desordem, ou a tendência dos sistemas em perder energia e se desmoronar. A única forma de parar ou reverter a entropia é investir energia no sistema” RUSSELL, Edmund *et al*. The Nature of Power: synthesizing the History of Power and Environmental History. **Technology and Culture**, v. 52, p.246-259, apr. 2011, p. 252, tradução nossa.

<sup>21</sup> PRITCHARD, *Op.cit*.

As estruturas de poder político, social, econômico e, sobretudo, técnico sustentam o sistema a tal ponto que negligenciá-las implica na naturalização do sistema, incluindo sua despolitização.

O principal viés de análise seria o quadro técnico de profissionais inseridos nesse regime e capaz de discutir, adotar — ou repudiar — e aplicar as ações que criarão os sistemas. A narrativa técnica é igualmente híbrida, por ser permeada de discursos políticos, interesses pessoais e econômicos cujo aparente linguajar objetivo parece mascarar. Compreender suas motivações, escolhas e linhas de ação permite aos historiadores ambientais e da tecnologia novas abordagens acerca das transformações físicas do meio amparadas pelos artefatos culturais. Paisagens híbridas cuja análise requer igualmente análises híbridas a partir do emprego do *Envirotechnical analysis*.

### Considerações finais: por um *Envirotech* latino-americano

Germán A. Palacio, ao questionar a divisão dos estudos sobre a História Ambiental realizada nas Américas, esclarece que a divisão linguística (“latina” ao sul e “inglesa” ao norte) reflete igualmente em uma divisão analítica. Isso impede perspectivas transnacionais além de reforçar falsos antagonismos incompatíveis com os estudos contemporâneos sobre a Homem e a Natureza.<sup>22</sup> Uma varredura inicial na Revista HALAC <<https://www.halacsolcha.org>>, periódico da *Sociedad Latinoamericana y Caribeña de Historia Ambiental* (SOLCHA), revela, por exemplo, a carência de estudos com base no *Envirotech* e ratifica ainda mais a dicotomia criticada por Palacio.

Nessa perspectiva, se faz necessário também aproximações latino-americanas na abordagem do *Envirotech*. O *envirotechnical regime* pode expor as relações sociais e as estruturas de poder na construção das grandes barragens brasileiras ou nos complexos mineiros chilenos. De igual forma, o *envirotechnical system* permite lançar luz nas grandes construções humanas em áreas costeiras, rios, florestas. Assim, os corolários apresentados por Pritchard acerca da “tecnologia como natural” e da “natureza como tecnologia” podem servir como bases epistemológicas de pesquisas em História Ambiental no Brasil e na América Latina, tendo a tecnologia como interessante variável analítica. Ou seja, potenciais novos caminhos de estudos

---

<sup>22</sup> PALACIO, Germán A. Is there any ‘Latin’ in the Latin American environmental history? New challenges for the consolidation of a regional intellectual community. *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC)*, v.1, n. 2, p.157–179, 2012.

## *Nota de Pesquisa*

estão abertos, concorrendo inclusive para dirimir o aparte entre as pesquisas realizadas ao norte e ao sul do nosso continente.